

FONTES DE VANTAGENS COMPETITIVAS ENCONTRADAS NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ PARA A IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO

Sonia Mar dos Santos Migliorini

Resumo

A indústria de confecção foi uma das primeiras a se desenvolver na Mesorregião Sudoeste do Paraná, área de estudo desta pesquisa, e atualmente é um dos setores industriais com maior importância econômica da Região em termos de geração de emprego e renda. Nos anos de 1990 o setor passou por uma grave crise, mas contraditoriamente, o mesmo processo que fechou dezenas de indústria e encerrou centenas de postos de trabalho motivou o crescimento do setor na região no mesmo período. Assim, na década de 1990 e nos anos seguintes a indústria de confecção regional crescendo aceleradamente tanto em número de unidades industriais, com um crescimento de 304% entre 1990 e 2006, quanto em escala de produção e comercialização. O presente artigo tem como objetivo identificar as fontes de vantagens competitivas que a indústria de confecção encontra na Mesorregião Sudoeste do Paraná para o seu desenvolvimento e averiguar a importância dada pelos entrevistados a estas vantagens. A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa foi preenchimento de questionário de pesquisa, com questões qualitativas e quantitativas, pelos proprietários das indústrias de confecção, orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas desta indústria na região de estudo; análise e tabulação dos dados levantados na pesquisa de campo. Como conclusão apresenta-se um conjunto de fatores considerados pelos empresários da indústria de confecção como as maiores vantagens competitivas encontradas na Mesorregião Sudoeste para o desenvolvimento desta indústria.

Palavras-Chave: indústria de confecção. Vantagens competitivas. Região Sudoeste. Mercado fornecedor e consumidor.

1. INTRODUÇÃO

A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, é um dos setores que mais cedo se desenvolveu no País e, por conta dessa característica, em muitas regiões, assim como ocorreu no início da industrialização do Brasil, essa indústria é a precursora do processo de industrialização. Nesse contexto está a Mesorregião Sudoeste do Paraná, área de estudo desta pesquisa, onde a indústria de confecção foi uma das primeiras a se desenvolver e atualmente é um dos setores industriais com maior importância econômica da Região em termos de geração de emprego e renda. Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 1990, a indústria de confecção regional vem crescendo aceleradamente tanto em número de unidades industriais, com um crescimento de 304% entre 1990 e 2006, quanto em escala de produção e comercialização.

Este artigo tem como objetivo identificar as vantagens competitivas encontradas pela indústria de confecção na Mesorregião Sudoeste do Paraná e averiguar a importância dada pelos entrevistados a estas vantagens. A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa foi o preenchimento de questionário de pesquisa, com questões qualitativas e quantitativas, pelos proprietários das indústrias de confecção, orientado para a identificação das fontes das vantagens competitivas desta indústria na região de estudo, com base na bibliografia disponível sobre os condicionantes da competitividade; análise e tabulação dos dados levantados na pesquisa de campo.

2 COMPETITIVIDADE SISTÊMICA: CONCEITOS E MODELOS

Desde a reestruturação produtiva, nas décadas de 70 e 80, o tema da competitividade tornou-se bastante freqüente no debate econômico. Com as transformações econômicas dos anos 80 e 90, a partir da globalização econômica, paulatinamente, a tradicional visão de competitividade foi suplantada à medida que foram ampliando-se os elementos constitutivos da capacidade de competir das nações.

Costa (2003, p.35), destaca que para Lanzer a competitividade pode ter diferentes significados, que variam de acordo com os grupos de sujeitos: nas políticas econômicas, pode significar a nação ter ou não um balanço positivo do comércio; para os conceitos de economia pode estar relacionado ao baixo custo unitário do trabalho, considerando as taxas de câmbio e, no

âmbito das empresas, está relacionada a uma boa participação no mercado, em escala local ou internacional.

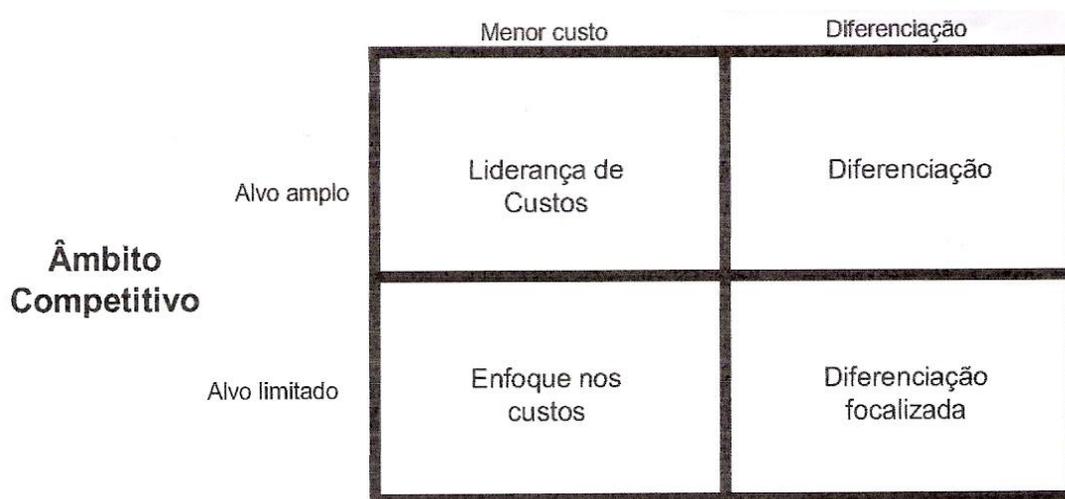
Para Coutinho e Ferraz (1993, p.68), as visões econômicas tradicionais que definem a competitividade como uma questão de preços, custos (sobretudo salários) e taxas de câmbio baseavam-se em políticas equivocadas, as quais centravam-se na desvalorização cambial, no controle do custo de mão-de-obra e na produtividade do trabalho no intuito de melhorar a competitividade de cada país. Essa concepção de competitividade, conforme Suzigan e Fernandes (2003, 15), foi denominada por Fernando Fajnzylber de “competitividade espúria”, diferenciando-a do conceito de competitividade sistêmica a qual, segundo Fajnzylber, é fundada no binômio crescimento com equidade distributiva, obtida através do aumento da produtividade e da incorporação de progresso técnico; essa última o referido autor denominou de competitividade autêntica.

Porter afirma que os países de baixo custo de mão-de-obra no momento atual podem ser rapidamente substituídos pelos países de “amanhã”; a fonte de menor custo baseado em um dado recurso natural pode mudar de uma hora para outra, quando uma nova tecnologia permite a exploração desse recurso em lugares que ainda não se conseguia explorá-los. Para esse autor, “as indústrias nas quais os custos do trabalho ou os recursos naturais são importantes para a vantagem competitiva também têm estruturas que só garantem baixos rendimentos médios sobre o investimento”. Essas indústrias como são acessíveis a muitas nações, por possuírem barreiras tecnológicas e de capitais relativamente baixas para a entrada no setor, costumam ter muitos competidores e capacidade excessiva. “A vantagem fatorial que muda com rapidez atrai constantemente novos países que pretendem lucros baixos e mantêm baixos os salários”. Desta forma os países que já a praticam ficam em desvantagem. (1989, p.16).

Um exemplo dessas indústrias, a que Porter se refere acima, é a indústria de confecções, objeto desta pesquisa. Atualmente, alguns países asiáticos (China e Índia, por exemplo,) possuem alta vantagem competitiva baseada no fator custo de mão-de-obra, conseguindo abarcar para seus produtos grandes fatias de mercado internacional.

Na concepção de Porter (1989, p.17), para que uma indústria consiga ser competitiva no mercado, precisa considerar uma das duas estratégias competitivas básicas: o enfoque de custos e a diferenciação do produto. A vantagem competitiva de qualquer uma dessas duas estratégias traduz-se em produtividade superior à dos concorrentes. Para o referido autor, a indústria de

baixo custo produz determinada mercadoria usando menos insumos do que os seus competidores. A indústria que usa como estratégia a diferenciação do produto obtém rendimentos superiores, por unidade, ao dos seus concorrentes. A vantagem competitiva está diretamente ligada à base da renda nacional. Ou seja, quando a indústria obtém boa vantagem competitiva a produtividade nacional cresce, conseqüentemente, a renda nacional também. Os alvos dessas duas estratégias podem ser de grande ou de pequena amplitude, de modo que se pode chegar a um modelo com quatro possíveis estratégias genéricas: liderança de custos, enfoque nos custos, diferenciação e diferenciação focalizada, conforme o quadro 01.



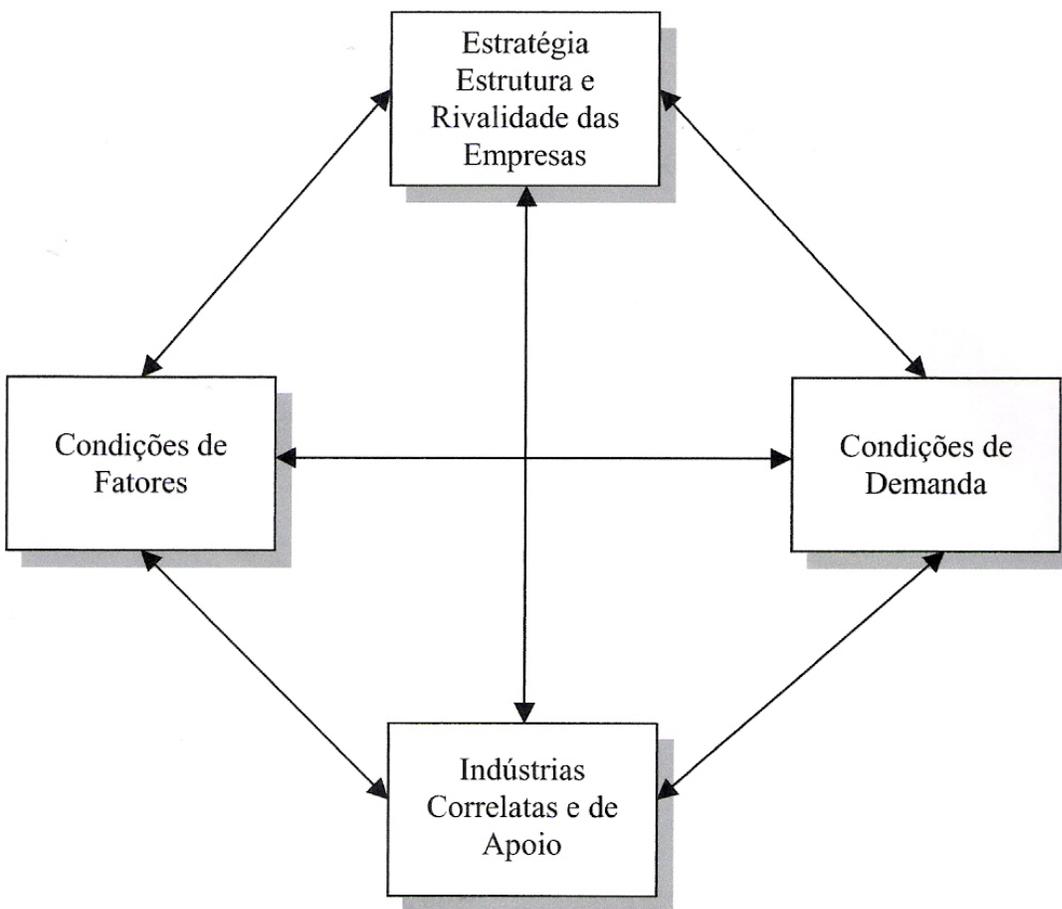
Fonte: Porter, 1989, p. 50

Quadro 01 – Vantagem competitiva

Uma indústria, segundo o referido autor, para obter sucesso deve buscar sua vantagem competitiva em uma dessas estratégias competitivas genéricas e relacioná-la com as estratégias de seus concorrentes. Para obter vantagem, deve escolher o tipo de vantagem competitiva que busca e um âmbito dentro do qual possa ser alcançado.

Além dos esforços individuais de cada indústria para obter um produto competitivo no mercado, há ainda outros fatores que influenciam seu sucesso ou fracasso nessa busca. Aí entram os fatores locacionais e a influência exercida pelo meio sobre as indústrias, que são tão importantes na busca da vantagem competitiva quanto os esforços individuais de cada indústria. Porter (1998, 52), após ter sistematizado os estudos de várias indústrias de dez nações diferentes,

classificou quatro atributos que, individualmente ou como um sistema, constitui o diamante¹ da vantagem competitiva de uma nação e acrescentou a esses, mais dois fatores que afetam a competitividade das indústrias, tanto de forma negativa quanto positivamente: o papel do acaso e o papel do governo, conforme a figura 01. Segundo o próprio autor, esses atributos podem ser facilmente aplicados em unidades políticas ou geográficas menores que um país, como um estado ou região.



Fonte: PORTER, 1989, p.88

Figura 01 – Determinantes da Vantagem Nacional

¹ "Diamante" é a expressão usada por Porter para referir-se aos determinantes como um sistema (1989, p.88).

a) Condições de fatores – são os insumos necessários para a indústria competir. Engloba desde infra-estruturas básicas até os centros de pesquisas universitários e os recursos de capital que se resumem na capacidade econômica e garantias que um país dispõe para o financiamento e investimento nas indústrias.

b) Condições de demanda – determina o rumo e o caráter de melhoria e inovação pelas indústrias do país.

c) Indústrias correlatas e de apoio – refere-se à presença, no país, de indústrias fornecedoras e de apoio² que sejam internacionalmente competitivas. Nesse atributo, a vantagem competitiva surge da estreita relação entre os fornecedores mundialmente competitivos e a indústria.

d) Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas – é o contexto no qual as firmas são criadas dentro de um país como: condições econômicas, institucionais, culturais e jurídicas de um país bem como a rivalidade das empresas.

Já ao acaso são atribuídos aqueles acontecimentos puramente casuais, fortuitos, que pouco têm a ver com as circunstâncias de um país e que, em grande parte, estão fora do alcance das indústrias e até do governo nacional, mas que podem prejudicar ou beneficiar o desempenho das indústrias.

Ao governo, na concepção de Porter, cabe o papel de influenciar os quatro determinantes, através das políticas nacionais. O governo pode influenciar e ser influenciado por cada um dos quatro determinantes, positiva ou negativamente.

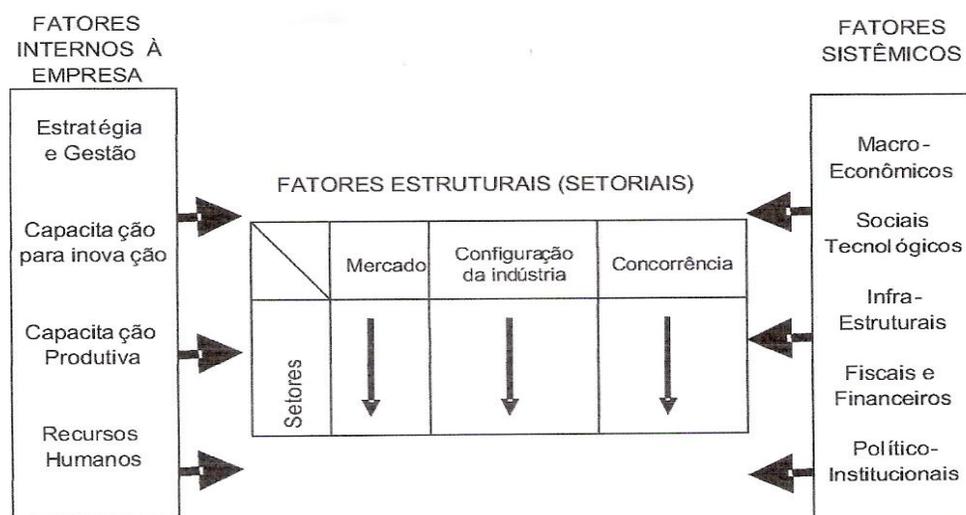
No Brasil, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), desenvolvido nos anos 90, coordenado por Luciano G. Coutinho, do Instituto de Economia da UNICAMP, e João Carlos Ferraz, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, inclui como fator importante para a competitividade o diálogo direto entre os atores sociais: empresários, trabalhadores, autoridades governamentais, acadêmicos e servidores públicos.

Para Coutinho e Ferraz (1993, 10), a noção de competitividade sistêmica, no contexto atual, representa um modo de expressar que o desempenho empresarial depende e é também resultado de fatores situados além do âmbito das indústrias e das estruturas industriais das quais

² Porter define indústrias de apoio como “aquelas em que empresas podem partilhar atividades na cadeia de valores através das indústrias (por exemplo, canais de distribuição, desenvolvimento de tecnologia) ou transferir conhecimentos protegidos pelo direito de propriedade de uma indústria para outra” (1989, p.150).

as indústrias fazem parte, sendo influenciada, também, pelos fatores macroeconômicos, infraestrutura, sistema político-institucional e características socioeconômicas dos mercados nacionais.

Para Coutinho e Ferraz, “a competitividade pode ser vista como a produtividade das empresas ligadas à capacidade dos governos, ao comportamento da sociedade e aos recursos naturais e construídos, e aferidos por indicadores nacionais e internacionais, permitindo conquistar e assegurar fatias do mercado” (1993, p.11). Os determinantes da competitividade sistêmica foram subdivididos, no ECIB, em três grupos, conforme mostra a figura 02.



Fonte: Coutinho e Ferraz, 1993, p.21.

Figura 02 – Fatores Determinantes da Competitividade da Indústria (Empresa ou Nação).

Fatores Internos à Empresa – são fatores que estão sob as decisões das empresas ou indústrias, equivalendo ao nível micro do sistema IDA. Através da eficiência administrativa, as indústrias diferenciam-se de seus competidores e criam vantagens competitivas. Incluem os estoques de recursos acumulados pelas indústrias, as vantagens competitivas que possuem e a sua capacidade de ampliá-las, tais como a capacitação tecnológica e produtiva; a qualidade e produtividade dos recursos humanos; o conhecimento do mercado e a capacidade de se adequar às suas especificidades; as relações privilegiadas entre fornecedores e clientes e os serviços de pós-venda, entre outros.

Fatores Estruturais – são aqueles fatores que, mesmo não sendo totalmente controlados pela indústria, estão parcialmente sob a sua área de influência e define o ambiente competitivo enfrentado pelas indústrias. Este atributo engloba as características dos mercados consumidores referente à distribuição geográfica, às faixas de renda, oportunidades de acesso aos mercados internacionais; à configuração da indústria, como grau de concentração, escala de operação, atributos dos insumos, potencialidade de alianças com fornecedores, usuários e concorrentes, origem e direção do progresso técnico; a natureza da concorrência, meio ambiente e competidores, sistema fiscal-tributário, práticas de importação e exportação.

Fatores Sistêmicos – correspondem aos fatores externos às indústrias, mas também afetam as características do ambiente competitivo e podem ser relevantes nas vantagens competitivas que as indústrias de um país possuem ou deixam de possuir em relações às suas rivais na competição internacional. Esses fatores podem ser de natureza: macroeconômicas (taxas de câmbio, oferta de crédito e taxas de juros); político-institucionais (políticas tributária e tarifária); regulatórios (políticas de proteção à propriedade industrial, preservação ambiental, políticas de defesa da concorrência e proteção ao consumidor); infra-estrutura (serviços tecnológicos, energia, transporte, telecomunicação); sociais (qualificação da mão-de-obra, políticas de educação e formação de recursos humanos, legislação trabalhista, seguridade social e grau de exigência dos consumidores); fatores referentes à dimensão regional (que engloba os aspectos relativos à distribuição espacial da produção); e, por fim, fatores de escala internacional (tendências do comércio mundial, fluxos internacional de capital, de investimento de risco e de tecnologia, políticas do comércio exterior e acordos internacionais).

De uma maneira geral, a diferença fundamental entre os dois modelos está na maneira de conceber as políticas públicas como um dos fatores determinantes para a competitividade das indústrias ou não. O modelo do ECIB dá ênfase maior às políticas públicas como determinantes das vantagens das indústrias, enquanto o modelo de competitividade desenvolvido por Porter restringe o papel do governo apenas a influenciar os quatro atributos que determinam a competitividade em seu modelo. Os dois modelos de competitividades sistêmica aqui apresentados compreendem a competitividade como resultado da atuação conjunta de forças de mercado e forças que não estão relacionadas ao mercado e estão fora do alcance das indústrias, mas mesmo assim são fundamentais para o sucesso competitivo destas.

A análise do conjunto de fatores da competitividade sistêmica, nos mais diferentes níveis, permite que se avaliem todos os aspectos relevantes para o desenvolvimento econômico das nações através de suas indústrias, podendo-se, também, identificar os pontos fortes e fracos de determinado setor econômico ou mesmo de uma região, o que pode auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas e estratégias empresariais para o fortalecimento econômico, em escala regional, nacional ou internacional. Desta forma, como afirmam Diniz Filho e Vicentini, “o conceito de competitividade sistêmica apresenta necessariamente uma dimensão geográfica, na medida em que trata das inter-relações entre inúmeros fatores de produção que possuem expressão espacial e que ocorre em escalas variadas, que vão do regional ao global” (2004, p. 113). Assim, o conceito de competitividade sistêmica, por agrupar os fatores competitivos em diferentes níveis, foi fundamental para identificar, na mesorregião Sudoeste, os fatores que condicionaram a implantação e o desenvolvimento da indústria de confecções bem como sua competitividade atual. Na próxima seção, analisa-se a competitividade da indústria de confecção nacional, a partir do modelo de competitividade sistêmica desenvolvida por Coutinho e Ferraz para o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira.

3 COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO BRASILEIRA

A indústria de confecção³ brasileira não difere das outras indústrias quanto aos fatores condicionantes de competitividade. Conforme Coutinho e Ferraz (1993, p.31), o Brasil é um dos poucos países em desenvolvimento que internalizou todas as atividades do complexo têxtil, desde a produção da matéria-prima até o último elo, da confecção. A principal fonte de demanda da indústria de confecção é o mercado interno. O histórico do País em relação às exportações é recorrer ao mercado externo apenas quando o mercado interno está em retração, ocorrendo uma “correlação negativa entre o crescimento do PIB e as exportações” (COUTINHO E FERRAZ, 1993, p.41).

A dinâmica da indústria têxtil, de acordo com os referidos autores, é dada pelo mercado final; inserida naquela, a indústria de confecção é o maior consumidor dos produtos produzidos

³ Nesta pesquisa quando há referencia à indústria de confecção deve ficar claro que se trata da indústria de confecção de artigos do vestuário, código 18 da classificação do Código Nacional da Atividade Empresarial (CNAE), grupo 181, classificação feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE.

pela indústria têxtil. Na estrutura da indústria de confecção brasileira o setor registra forte heterogeneidade tanto em nível das plantas industriais, em sua maior parte é resultante das características do mercado (mesmo as indústria produzindo produtos semelhantes podem se utilizar de técnicas produtivas distintas) quanto em nível de diversidade de itens fabricados pelas indústrias (pode ir de uma simples camiseta à ternos e roupas femininas sofisticadas). Essa heterogeneidade da estrutura da indústria de confecção brasileira Coutinho e Ferraz atribuíram à própria heterogeneidade do mercado consumidor, em que convivem diferentes segmentos de níveis de renda, padrões de informação e exigência.

Para levantar os fatores determinantes da competitividade do complexo têxtil e, conseqüentemente da indústria de confecção, Coutinho e Ferraz seguiram o modelo desenvolvido para o estudo da competitividade da indústria brasileira como um todo, o qual está subdividido em três grupos de condicionantes: fatores internos à empresa; fatores de natureza estrutural – pertinentes aos setores e complexos industriais - e fatores de natureza sistêmica.

Nos fatores internos à empresa, ou fatores empresariais, o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), coordenado por Coutinho e Ferraz (1993, p.28-35), constatou que a indústria de confecção brasileira possuía uma fraca adoção de estratégias empresariais de capacitação tecnológica e gerencial.

Praticamente inexistiam processos de integração e cooperação entre as indústrias; havia grande disparidade tecnológica entre elas; tecnicamente, era possível produzir o mesmo produto com combinação de intensidade diversa de capital e trabalho, fazendo com que sejam atingidos os custos comparativos; a utilização de técnicas organizacionais modernas ainda é restrita no setor, sendo poucas as indústrias que utilizam técnicas de organização como círculos de controle de qualidade, *just-in-time* – que tem como princípio o melhor aproveitamento possível do tempo de produção –, Kanban – controla a reposição de estoques por meio de senhas –, e Grupos de trabalhos, que tendem a melhorar o ambiente de trabalho, posto que a diminuição dos níveis hierárquicos gera maior envolvimento dos trabalhadores no processo de produção; o treinamento da mão-de-obra é uma prática pouca utilizada na indústria. A maioria das indústrias não realiza qualquer treinamento de seus funcionários, em todos os níveis hierárquicos; as pequenas e médias são as que menos realizam treinamento direto de sua mão-de-obra e, ainda, utilizam pouco, em comparação com as grandes indústrias, as instituições de apoio para a formação de recursos humanos.

Nos fatores estruturais, o estudo do ECIB (1993, p.32) apontou a heterogeneidade da indústria de confecção como responsável pelos diferentes desempenhos e inserções competitivas. Apenas poucas indústrias conseguiram reunir as capacitações necessárias para uma penetração competitiva no mercado internacional, e essas são, em geral, grandes indústrias com boa atualização tecnológica e organizacional. A subcontratação de indústrias menores para a prestação de serviços, ou seja, a terceirização de algumas fases da produção ou mesmo a subcontratação total de certas linhas de produtos, era uma das principais estratégias competitivas desse setor. No Brasil, essa prática tem visado apenas à redução de custos diretos, sem maior preocupação com a qualidade do produto e, na maioria das vezes, visa, principalmente, contornar obrigações tributárias e trabalhistas.

Entre os fatores sistêmicos que dificultavam o aumento da competitividade da indústria de confecção, no início da década de 1990, conforme o estudo do ECIB (1993), encontrava-se a ausência de crescimento da renda nacional, uma vez que a produção era voltada fundamentalmente para mercado interno. Em vista da crescente intensidade de capital, a restrição à disponibilidade de crédito para as pequenas e médias indústrias a médio e longo prazo bem como seu custo são fatores desfavoráveis à competitividade do setor. Esse fator tende a acentuar a concentração da produção e a heterogeneidade tecnológica, já que a maioria dessas indústrias não têm acesso ao mercado internacional de crédito ou mesmo ao mercado doméstico de capitais.

Outro fator importante, que contribuía (e ainda contribui) negativamente para o aumento da competitividade do setor, é o sistema tributário, com sua complexidade e abrangência. . “Os impostos em cascata elevam os custos dos insumos, bens de capital e do produto final sem a oportunidade de serem desonerados nas exportações” (Idem, 1993, p.47). A “guerra fiscal” entre as Unidades da Federação também se constitui num condicionante negativo para o aumento da competitividade do setor de confecção. Essa prática – que pode ser tanto a isenção do ICMS como a permissão para pagamento desses benefícios a prazos dilatados e sem correção dos débitos fiscais – introduz distorções ao incentivar realocização industrial em condições de tratamento tributário instáveis.

A alta carga tributária sobre os encargos sociais, que, segundo a ABRAVEST (2006, p.06), chegava a 117%, é outro fator que desfavorece a competitividade do setor de confecção nacional, intensivo em mão-de-obra.

O complexo têxtil, em 1990, foi o primeiro setor produtivo a antecipar a abertura comercial. Esse processo que liberalizou as importações não teve acompanhamento de mecanismos eficazes como apoio à capacitação tecnológica e redução da carga tributária para que as indústrias brasileiras conseguissem competir de igual para igual com as indústrias estrangeiras. Segundo o SEBRAE (2006, p.02), os juros elevados, o câmbio defasado e os impostos somaram uma contra-força que desalinhou a competitividade da indústria de confecção em relação à concorrência internacional. No entanto, a abertura de mercado com redução de alíquotas para importação de confeccionados, conforme a ABRAVEST (2006, p.08), em alguns aspectos, foi considerado útil ao setor, levando-o ao seu reposicionamento de forma a competir com os concorrentes internacionais.

A abertura econômica do início dos anos de 1990, que provocou grande aumento das importações de produtos de confecções vindos da China e da Índia, principalmente, após meados da década, quando ocorreu o fortalecimento da moeda nacional, fez com que a indústria de confecção nacional passasse por forte reestruturação. Boa parte das indústrias que conseguiram sobreviver à abertura econômica foram modernizadas.

Outro fator relevante para a competitividade da indústria nacional, conforme a FIEMG (2006, p.01), está na utilização de novas matérias-primas. O Brasil passou a ter acesso, com a abertura do mercado, aos mercados internacionais que fabricam tecidos modernos a preços competitivos. Porém, segundo a ABRAVEST (2006, p.11), a subcontratação ou a terceirização da produção nas fases de costura e montagem das peças ainda continuam sendo usada como estratégia empresarial pelas indústrias nacionais, visando principalmente contornar obrigações sociais, ou seja, essa estratégia vem sendo confundida no Brasil com informalização da mão-de-obra para diminuir custos.

A criação de marcas próprias e a formação de pólos regionais, segundo a referida fonte (2006, p.11), atualmente, vêm sendo adotadas como estratégias empresariais para aumentar a competitividade da indústria nacional frente aos seus competidores nacionais e internacionais. Do mesmo modo, vem ocorrendo no Brasil uma realocação espacial da indústria para regiões que ofereçam mão-de-obra abundante e de menor custo, carga tributária mais baixa e incentivos fiscais.

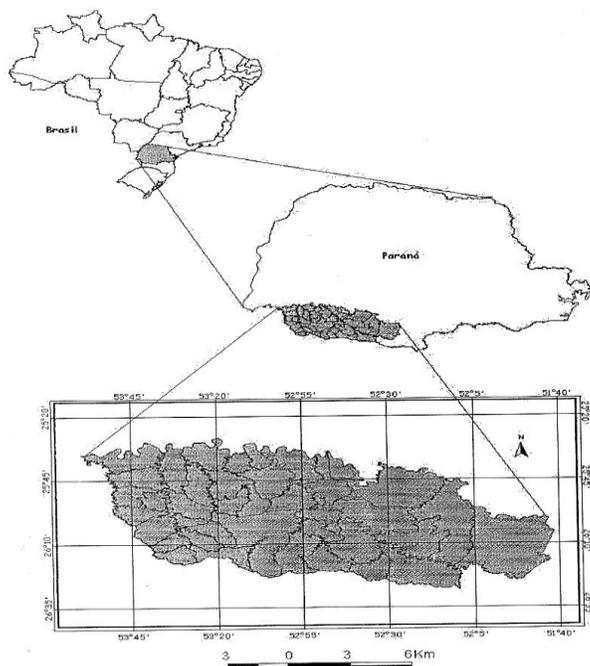
Devido a essas estratégias e à modernização de boa parte das indústrias nacionais, segundo a FIEMG (2006, p.02), algumas indústrias passaram a exportar parte de sua produção.

Diante disso, pode-se dizer que, após o setor de confecção nacional ter enfrentado uma grave crise com a abertura da economia, medidas mais consistentes vêm sendo adotadas na tentativa de melhorar a competitividade da indústria em relação aos produtos internacionais. Afinal, cada vez mais vem ocorrendo a eliminação das barreiras mercantis entre os países, tornando os mercados mais globalizados.

4 CONDICIONANTES DA IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE CONFECCÃO NA MESORREGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ

A Mesorregião Sudoeste do Paraná localiza-se na região Sul do Brasil e Sudoeste do Paraná. Tendo como principais fronteiras a Argentina a Oeste e ao Sul o estado de Santa Catarina. Ocupa uma área de 11.645 km², com população, em 2007, de 476.540 habitantes, e densidade demográfica de 40,92 hab/km². É composta por 37 municípios (IBGE, 2007). O mapa 01 apresenta a localização da Mesorregião Sudoeste do Paraná dentro do Brasil e do Estado do Paraná.

MAPA 01 – Mesorregião Sudoeste do Paraná



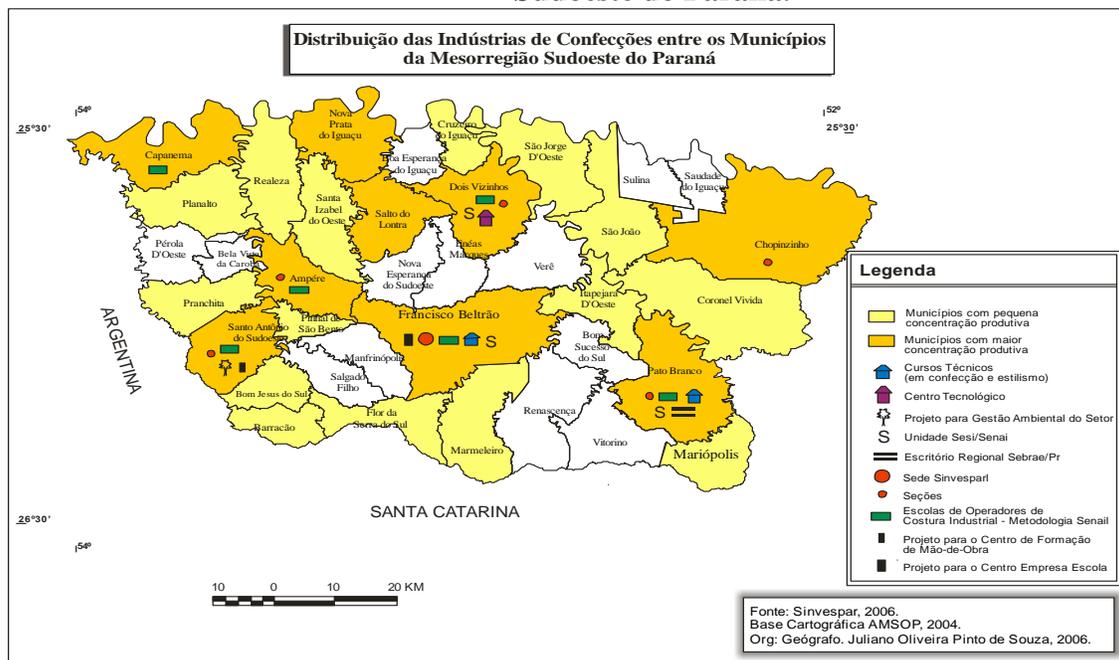
Elaboração: LOHMANN, M. Fonte: IBGE, 2000/ Fortes Junior, 2005, p.100.

Dos 37 municípios que compõem a Mesorregião Sudoeste, 25 possuem unidade industrial de confecção. As primeiras unidades industriais de confecção foram implantadas na mesorregião

Sudoeste no final da década de 1970 e início da década de 1980, mas somente a partir do início dos anos de 1990 o setor teve crescimento expressivo e territorializou-se pela maioria dos municípios da região. A indústria de confecção, por exigir pouco nível tecnológico e pequeno investimento de capital, foi uma das indústrias precursoras do processo de industrialização da região Sudoeste e se tornou um dos setores mais importantes para o desenvolvimento econômico da Região.

A origem da indústria de confecção na região Sudoeste vem da transformação dos alfaiates, na década de 1970 e 1980, em unidades industriais. O sucesso dos primeiros empreendimentos motivou o surgimento de muitos outros que estão distribuídos pelos municípios da Região Sudoeste, conforme pode ser observado no mapa 02 que apresenta a distribuição das indústrias de confecção entre os municípios desta Região. Entre os anos 1990 e 2003, segundo o Diagnóstico setorial da indústria de confecções do Sudoeste do Paraná (2004, p.03), o setor de confecção do Sudoeste teve um crescimento de 157%, passando de 115 unidades industriais, em 1990, para 296 em 2003.

MAPA 02 – Distribuição Espacial das Indústrias de Confecção dentro da Mesorregião Sudoeste do Paraná.



Em 2006, ano da realização do último diagnóstico sobre o setor na Região, o parque industrial de confecção da Mesorregião Sudoeste (37 municípios), segundo o SINVESPAR

(2006, p.07), era composto por 378 unidades industriais, gerando aproximadamente 5.280 empregos diretos e 2.500 indiretos com uma produção estimada de 16 milhões de peças por ano.

No que se refere ao porte das indústrias tem predominância as micro e pequenas, com uma participação de 93%. As indústrias de médio porte correspondem a 6,5% e de grande porte a 0,5%.

Segundo IPARDES (2004, p.85), o setor de confecção, em 2002, era o segundo setor industrial com maior participação no VAF da indústria regional, com 7,4% do total produzido, e, em 2003, o segundo maior gerador de postos de trabalho com uma participação de 23,5%, perdendo apenas para a agroindústria.

A pesar do progresso atual esse setor industrial passou por momentos difíceis no início da década de 1990 em função da abertura da economia ao mercado externo e o conseqüente crescimento das importações de artigos de confecções chineses e coreanos que tomaram o mercado nacional. Nesse período o setor de confecção do Sudoeste, da mesma forma que ocorreu nas outras regiões do País, passou por forte reestruturação industrial, tendo como principal conseqüência o fechamento de dezenas de unidades industriais e o encerramento de centenas de postos de trabalho.

Contraditoriamente, na região Sudoeste, esse mesmo processo que causou o encerramento das atividades de várias unidades industriais e o declínio das atividades daquelas que conseguiram sobreviver à crise, fez com que novas unidades industriais desse setor fossem surgindo na Região, pois, segundo o SINVESPAR (2006. 08), trabalhadores que foram despedidos e que tinham algum conhecimento no setor adquiriram máquinas e equipamentos e montaram seu próprio negócio como forma de sobreviver à crise que se instalou, na época, em todo o País, levando à ampliação do parque industrial de confecção do Sudoeste. Essas novas unidades industriais, da mesma forma que as indústrias que conseguiram sobreviver ao abalo econômico foram obrigadas, pelas circunstâncias econômicas da época, a se reestruturarem e investirem em modernização, inovação, qualificação da mão-de-obra e divulgação dos produtos.

Diante desse processo, o setor industrial de confecção da Mesorregião Sudoeste do Paraná teve forte crescimento no número de unidades industriais após a década de 1990, como destacado anteriormente. O ritmo de evolução da indústria de confecção na Região pode ser observado através de análise do ano de implantação apresentadas na tabela 01, tomando como base as unidades industriais constantes na amostra.

Tabela 01 – Período de Instalação das Indústrias de Confeção na Mesorregião Sudoeste do Paraná

Período	Nº de Indústrias	%
1975 – 1979	2	8
1980 – 1989	6	23
1990 – 1999	15	58
2000 - 2002	3	11
Total	26	100

FONTE: PESQUISA DE CAMPO - 2007

Entre os componentes da amostra (26) apenas 08 unidades industriais (31%) foram implantadas entre 1975 e 1989. A grande maioria das unidades industriais (69%) foram implantadas entre 1990 e 2002. A década de 1990 foi o período em que mais foram implantadas unidades industriais de confecção na Mesorregião Sudoeste. Das 26 unidades em análise, 15 foram implantadas durante a década de 1990, e, destas, 09 unidades foram implantadas na primeira metade da década e 05 na segunda metade.

O aumento expressivo do número de unidades industriais de confecção na Região Sudoeste, durante a década de 1990, está atrelado ao próprio processo de reestruturação produtiva pelo qual passou o setor nessa década, que, induzido pela abertura comercial, fez com que as indústrias menos eficientes ou com custo de produção mais elevado falissem e, em substituição, surgiram dezenas de novas unidades industriais que, justamente, por serem novas, estavam mais adequadas ao contexto de maior competitividade e por isso sobreviveram à crise e se desenvolveram. A maioria das unidades industriais que compõem a amostra da pesquisa, quando iniciaram suas atividades, eram micro indústrias, mas, atualmente, 24 delas já alcançaram o porte médio e duas são de grande porte. O crescimento do setor de confecção ocorreu graças a um conjunto de fatores competitivos que a indústria de confecção encontrou na Mesorregião Sudoeste. Estes fatores podem ser observados na tabela 02, que apresenta as principais vantagens competitivas encontrada na referida Mesorregião pela indústria de confecção.

Tabela 02 – Maiores Vantagens Competitivas que a Indústria de Confeção encontra na Mesorregião Sudoeste em Comparação a outras Regiões do País.

Vantagens	Nº de Indústrias	%
Incentivos governamentais, como doação de terrenos e barracão e incentivos fiscais.	13	26
Mão-de-obra barata.	10	20
Mão-de-obra abundante.	8	16
Qualidade da infra-estrutura local.	8	16
Mão-de-obra qualificada.	6	12
Proximidade com o mercado fornecedor.	1	2
Persistência dos empresários.	1	2
Criatividade.	1	2
Não Respondeu.	2	4
Total*	50	100

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007. * O total de respostas é superior ao número da amostra porque o empresário poderia apresentar mais de uma resposta.

Como pode ser constatado na tabela 02, os incentivos governamentais ofertados na Região, o custo da mão-de-obra pago pelo setor e a disponibilidade de mão-de-obra apresentam-se como as principais vantagens competitivas que a Mesorregião Sudoeste oferece para o desenvolvimento da indústria de confecção.

Quanto aos incentivos governamentais, a tabela 02 revela que um em cada dois dos empresários entrevistados recebeu benefícios governamentais para a implantação de sua indústria na Região, principalmente doação de terrenos e barracões. Isso evidencia um estímulo por parte do setor público para a implantação de indústrias dessa natureza na Região. Além disso, a indústria de confecção do Sudoeste do Paraná está entre as que pagam os menores salários se comparada a outras regiões do Estado e do País. No primeiro semestre de 2006, enquanto o setor de confecção da Região Sudoeste pagava um salário de 373 reais, o salário pago pela indústria de confecção da região Oeste do Paraná, segundo o Sindicato da Indústria de Vestuário do Oeste do Paraná - SINDWEST - era de 400,89 reais, equivalendo a uma diferença de 9,3%. Já na região Norte Central, onde se situa o APL de confecção de Maringá, o salário pago pelo setor, no mesmo período, segundo o Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores na Indústria de Confeção

de Roupas de Maringá – SINCONFEMAR, era de 430 reais, ou seja, 15% superior ao salário pago na região Sudoeste. Em relação a outros estados do País, como Santa Catarina e São Paulo, por exemplo, as diferenças salariais são ainda maiores. Em Santa Catarina, o salário pago pelo setor de confecção às costureiras, no primeiro semestre de 2006, na região de Blumenau e Brusque, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis e Fiação de Blumenau, variava em torno 450 a 700 reais dependendo do porte da empresa. Já em São Paulo, capital, o salário pago no mesmo período, segundo o Sindicato das Costureiras de São Paulo e Osasco, era de 624,56 reais.

Embora essa diferença salarial tenha sofrido uma redução significativa nos a partir de 2007, o custo da mão-de-obra foi um dos fatores que contribui para o desenvolvimento da indústria de confecção na Região em análise. A consciência dos entrevistados sobre a vantagem dos salários pagos pelo setor de confecção da região Sudoeste em relação a outras regiões do Estado ou País reflete-se na avaliação feita por eles sobre o custo da mão-de-obra pago pelo setor na Região apresentado na tabela 03.

TABELA 03 – Avaliação do Custo de Mão-de-Obra paga pela Indústria de Confecção da Região Sudoeste do Paraná Comparado a outras Regiões do País, exceto Nordeste.

Peso	Nº de Indústrias	%
Excelente	5	19
Bom	9	35
Razoável	9	35
Ruim	2	7
Péssimo	1	4
Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007

Os que consideraram o salário pago pelo setor, na Região, como excelente e bom somam 54% dos entrevistados, o que significa que a maioria dos empresários não têm problemas de competitividade por causa dos salários. A soma dos que consideraram o custo da mão-de-obra paga pelo setor, na Região, como excelente, bom e razoável chega a 89% dos entrevistados, ou seja, apenas 11% dos entrevistados avaliaram os salários pagos na Região Sudoeste em comparação a outras regiões do Estado ou País, exceto o Nordeste, como ruim ou péssimo para a

competitividade da indústria de confecção. Esse percentual diz respeito principalmente às indústrias que trabalham com enxovais para batizados ou noivas, as quais são ainda mais intensivas em mão-de-obra em função do bordado das peças.

Os fatores oferta e qualificação da mão-de-obra também foram citados pelos entrevistados como vantagem da região Sudoeste para o desenvolvimento da indústria de confecção, como foi possível observar na tabela 02. Das 50 respostas obtidas sobre as maiores vantagens competitivas que a indústria de confecção encontra na região Sudoeste em comparação a outras regiões do Estado ou País, 16% (08 dos 26 entrevistados) apontaram a abundância de oferta de mão-de-obra como uma das maiores vantagens que o setor encontra na região Sudoeste para o seu desenvolvimento e 12% (06) das 50 respostas obtidas apontam a oferta de mão-de-obra qualificada existente como um das vantagens oferecidas pela região Sudoeste para o desenvolvimento do setor de confecção. A oferta de mão-de-obra qualificada ocorre na Região em menor nível e não privilegia todas as indústrias. O que se observou (durante a pesquisa de campo) é que a pouca mão-de-obra qualificada pelas entidades da Região, principalmente aqueles funcionários que se sobressaem durante o treinamento, são direcionados para as indústrias que têm mais “status” na Região e mais contato com os órgãos formadores da mão-de-obra. Esse fato foi motivo de queixa de vários empresários durante a pesquisa. Uma avaliação mais detalhada feita pelos entrevistados, especificamente sobre a oferta e qualificação da mão-de-obra existente na Região, pode ser observada na tabela 04.

TABELA 04 – Avaliação dos Entrevistados sobre a Oferta e Qualificação da Mão-de-Obra Disponível na Mesorregião Sudoeste do Paraná para a Indústria de Confecção

Mão-de-Obra Disponível	Nº de Entrevistados	%	Mão-de-Obra Qualificada	Nº de Entrevistados	%
Excelente	20	77	Excelente	2	8
Bom	3	11	Bom	2	8
Razoável	1	4	Razoável	3	12
Fraco	2	8	Fraco	10	38
Péssimo	0	0	Péssimo	9	34
Total	26	100	Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo - 2007

Pode-se observar, na tabela 04, que há uma relação praticamente inversa quanto à mão-de-obra disponível e a mão-de-obra qualificada existente na Região. Enquanto 88% dos entrevistados avaliam a oferta de mão-de-obra existente na Região como bom e excelente, apenas 16% dos entrevistados consideraram a oferta de mão-de-obra qualificada na Região Sudoeste como bom e excelente. Nenhum entrevistado avaliou a oferta de mão-de-obra existente na Região como péssimo e apenas 02 (8%) dos 26 entrevistados consideraram-na como fraca. Quanto à oferta de mão-de-obra qualificada, a soma dos entrevistados que a avaliaram como fraca e péssima foi de 72%, o que deixa claro a deficiência desse fator na Região Sudoeste e evidencia a dificuldade enfrentada pelas indústrias para a qualificação da mão-de-obra.

Outro fator que está entre os mais citados pelos entrevistados, na tabela 02, como vantagem competitiva para a indústria de confecção, na região Sudoeste, é a infra-estrutura local (transporte, energia, telecomunicação). Com um percentual da importância de 16% (08 das 50 respostas) foi apontada a infra-estrutura local como uma das vantagens oferecida pela Região Sudoeste para o desenvolvimento do setor. Na avaliação feita pelos entrevistados sobre a qualidade da infra-estrutura local, tabela 05, pode-se perceber mais claramente o conceito dos entrevistados sobre a qualidade da infra-estrutura local e entender porque a infra-estrutura da Região foi apontada por 8 dos 26 entrevistados como uma das vantagens competitivas ofertadas pela Região Sudoeste para o desenvolvimento da indústria de confecção.

TABELA 05 – Avaliação dos Entrevistados sobre a Qualidade da Infra-estrutura Existente na Mesorregião Sudoeste

Qualidade da Infra-estrutura	Nº de Entrevistados	%
Excelente	5	19
Bom	7	27
Razoável	8	31
Ruim	6	23
Total	26	100

Fonte: Pesquisa de Campo – 2007

Os que consideram a infra-estrutura da Região Sudoeste excelente ou boa somam 46% dos entrevistados. Além disso, 08 dos 26 entrevistados (31%) consideraram a infra-estrutura da Região como razoável, enquanto apenas 23% avaliaram como ruim e nenhum dos entrevistados

avaliou a infra-estrutura da Região como péssima (alternativa apresentada na questão). O conceito que os empresários do setor de confecção possuem da infra-estrutura da Região justifica terem-na apontado como uma das principais vantagens da região Sudoeste para a indústria de confecção.

Em comparação com a infra-estrutura que existia na Região quando as primeiras indústrias foram implantadas, os empresários do setor reconhecem que a infra-estrutura existente, atualmente, na Região melhorou consideravelmente e em virtude de alguns dos empresários entrevistados terem vivenciado períodos difíceis com a infra-estrutura da Região, principalmente em relação ao transporte de matéria-prima, reconhecem que esse setor teve grandes avanços.

Em síntese, pode-se afirmar que os empresários do setor de confecção consideram que os fatores competitivos existente na Mesorregião Sudoeste tiveram contribuição importante no desenvolvimento da indústria de confecção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de confecção da região Sudoeste experimentou forte crescimento na década de 1990 e nos primeiros anos deste novo século. Tal crescimento lhe conferiu destaque na economia sudoestina, passando a responder pela segunda posição entre os setores industriais que mais geram emprego e renda. O crescimento do setor de confecção na região Sudoeste, de uma forma geral, pode ser considerado um fator positivo para a economia regional. Contudo, foi possível observar durante a pesquisa que a economia industrial da região está fortemente centrada em alguns poucos segmentos, caso da indústria de confecção e da indústria alimentícia, o que pode representar risco para a economia regional, especialmente no que se refere a indústria de confecção, já que uma crise nesses setores pode desestabilizar a economia regional. Para a Região, o melhor é diversificar sua economia, pois, se um setor estiver em crise, outros mantêm o dinamismo econômico necessário para seu desenvolvimento.

A pesquisa de campo revelou que as vantagens competitivas existentes na Mesorregião Sudoeste que impulsionaram (e continuam contribuindo), para o desenvolvimento da indústria de confecção são os incentivos governamentais; o custo de mão-de-obra pago pelo setor;

disponibilidade de mão-de-obra existente na Região e qualidade da infra-estrutura local. Além dessas, a mão-de-obra qualificada, embora em porcentagem bem menor, também foi apontada como uma vantagem competitiva que a referida indústria encontra na Região Sudoeste.

Diante disso, pode-se afirmar que a indústria de confecção encontrou na Mesorregião Sudoeste do Paraná condições propícias para desenvolver-se, tanto em número de unidades industriais e expansão das plantas como em escala de produção, devido à disponibilidade de fatores básicos de produção ali existentes.

5 REFERÊNCIAS

ABRAVEST, Associação Brasileira do Vestuário. **Dados do Setor de Confecções Têxteis**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.abraviest.org.br>>. Acesso em: 28/02/2006.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos (Coord.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade do complexo têxtil**. Campinas, 1993. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br>>. Acesso em 22/02/2006.

COSTA, Carlos A. **Competitividade Sistêmica na Construção Civil: A contribuição efetiva dos sistemas de gestão da qualidade (NBR ISSO 9001:2000)**. Florianópolis, 2003. (Dissertação de Mestrado).

DINIZ FILHO, L. L.; VICENTINI, Y. **Teorias Espaciais Contemporâneas: o conceito de competitividade sistêmica e o paradigma da sustentabilidade ambiental**. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr.br>>. Acesso em 31/01/2006.

FIEMG, Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais. **Panorama Nacional: O vestuário no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.fiemg.org.br>>. Acesso em 02/07/2006.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Economia e Indústria na Mesorregião Sudoeste**. Curitiba: IPARDES, 2004. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 10/05/2006.

PORTER, Michael E. **A Vantagem Competitiva das Nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

SEBRAE. **Ações e Principais Iniciativas de Apoio à Cadeia no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em 28/06/2006.

SINVESPAR. **APL Moda Masculina Sudoeste do Paraná: Plano de desenvolvimento o Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná. 2006**. Disponível em <<http://www.sinvespar.com.br>>. Acesso em 21/06/2006.

SUZIGAN, Wilson; FERNANDES, Suzana C. **Competitividade Sistêmica: A contribuição de Fernando Fajnzylber**. Campinas: UNICAMP, 2003. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br>>. Acesso em 01/02/2006.